

POR UMA GEOGRAFIA URBANA DA RESISTÊNCIA: EM MEMÓRIA DE GILMAR MASCARENHAS

Leandro Dias de Oliveira ¹

Resumo. Este artigo-homenagem² não tem como objetivo fazer um debate pleno do trabalho de Gilmar Mascarenhas, mas apresentar uma pequena homenagem ao singular legado da sua obra, que é referência em diferentes estudos da geografia, do turismo e do lazer.

Palavras-chave: Gilmar Mascarenhas, geografia urbana, geografia dos esportes, urbanização turística, feira livre.

FOR AN URBAN GEOGRAPHY OF RESISTANCE: IN MEMORY OF GILMAR MASCARENHAS

Abstract. His article is not intended to make a full debate on the work of Gilmar Mascarenhas, but to present in small tribute to the special legacy of his work, which is a reference in different studies of geography, tourism and leisure.

Keywords: Gilmar Mascarenhas, urban geography, sports geography, tourist urbanization, street market.

PARA UNA GEOGRAFÍA URBANA DE RESISTENCIA: EN MEMORIA DE GILMAR MASCARENHAS

Resumen. Este artículo no pretende debatir por completo sobre el trabajo de Gilmar Mascarenhas, pero presentar un pequeño homenaje a lo legado único de su trabajo, que es una referencia en diferentes estudios de geografía, turismo y ocio.

Palabras clave: Gilmar Mascarenhas, geografía urbana, geografía deportiva, urbanización turística, feria libre.

¹ Licenciado (UERJ-FFP), Mestre (UERJ) e Doutor em Geografia (UNICAMP), e Pós-Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ-PPFH). Professor do Departamento de Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades Digitais da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  <https://orcid.org/0000-0001-7257-0545>. E-mail: ldiasufrj@gmail.com.

² Agradeço as leituras generosas deste texto pelos profs. Demian Garcia Castro [Colégio Pedro II], que desenvolveu a tese de doutorado em geografia intitulada “‘O Maraca é Nosso!': da ‘monumentalidade das massas’ ao ‘Padrão-FIFA’ – neoliberalização da cidade, elitização do futebol e lutas sociais em torno do Maracanã” (UERJ, 2016) sob orientação do Gilmar Mascarenhas, e André Santos da Rocha [PPGGEO-UFRRJ], que estimulou a escrita deste artigo-homenagem.

Introdução

Todos aqueles que conviveram com a escrita elegante, com a fala pausada, forçosamente cuidadosa e divertida e com o universo de pesquisa de Gilmar Mascarenhas, sabem que era essencial em seu vocabulário o uso da expressão legado. A rigor, quando investigava os incontáveis jogos esportivos transformados em megaeventos – pan-americanos, jogos olímpicos de inverno e de verão, copas do mundo de futebol e tantos outros – ou quando pensava, à luz da ciência geográfica, o urbanismo turístico ou as feiras livres cariocas, para ficarmos apenas nestes exemplos, sua preocupação era sempre presente-futura. Eis um grande diferencial de sua obra: a geografia praticada jamais era sectária e sempre vislumbrava o movimento – dos feirantes, dos consumidores, dos turistas, dos atletas, dos torcedores, dos ativistas, dos artífices da cidade, sempre vista como espaço tão complexo quanto inquietante.

Este é tão somente um artigo-homenagem. Não há aqui a intenção de fazer um pleno rastreamento da obra de Gilmar Mascarenhas, nem tampouco esgotar as questões teórico-analíticas de seu trabalho. O espólio teórico-conceitual de sua obra e o pioneirismo no trato de alguns temas à luz da geografia ainda serão merecedores de análises mais profícuas e aprofundadas. O intento central é apresentar, em linhas gerais, o singular legado da obra do autor, que ainda precisará de muitas releituras para a sua definitiva estruturação nos diferentes campos da geografia, do turismo e do lazer. Da mesma maneira, é interesse prestar uma singela homenagem, em nome do Departamento de Geografia [DGG] e do Programa de Pós-Graduação em Geografia [PPGGEO] da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [UFRRJ], instituição onde Gilmar Mascarenhas pode participar de palestras, mesas e banca de mestrado, além de contribuir com o periódico de Geografia da universidade, a Revista Continentes, como autor (ver: MASCARENHAS, 2013 e MASCARENHAS, OLIVEIRA, PONTES, 2017) e membro do Conselho Editorial.

Gilmar Mascarenhas era bacharel e licenciado em geografia pela Universidade Federal Fluminense, com especializações em Planejamento Ambiental pela mesma universidade e em Geografia en el Ordenamiento y Gestion Territorio, pelo Centro Panamericano de Estudios e Investigaciones Geograficas, CEPEIGE, Equador; também

era mestre em geografia (1991) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ], desenvolvendo a dissertação *“O Lugar da Feira-Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989)”*, com a orientação do Prof. Dr. Roberto Lobato Azevedo Correa, e doutor em geografia humana (2001) pela Universidade de São Paulo (USP), com a defesa da tese intitulada *“A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul”*, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Odette Carvalho de Lima Seabra. Em 2013, realizou estágio de Pós-Doutorado em urbanismo de megaeventos na Universidade de Paris I, Panthéon-Sorbonne, na França.

Após lecionar na rede de ensino do estado do Rio de Janeiro e no conceituado Colégio Pedro II – há também uma experiência como professor voluntário numa escola comunitária do bairro Anaia, na periferia do município de São Gonçalo-RJ –, Gilmar Mascarenhas se tornou professor efetivo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro [UERJ] em 1992 – portanto, com apenas 30 anos – onde lecionou em turmas de graduação, especialização, mestrado e doutorado. Foram dezenas de orientações e supervisões nos diferentes níveis de ensino acadêmico, bem como mais de cento e cinquenta bancas de conclusão de curso nas mais diferentes universidades do Brasil. Como professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ, consolidou um reconhecido trabalho de formador de quadros acadêmicos, com orientandos especialmente dedicados à questão urbana, aos dilemas ambientais, à geografia do esporte e aos impactos do turismo e dos megaeventos esportivos. Em 21 de março deste ano, se tornou o primeiro Professor Titular do Departamento de Geografia da UERJ, perante uma banca que reuniu os renomados professores Rogério Haesbaert (UFF), Ana Fani Alessandri Carlos (USP), Fania Fridman (UFRJ) e Victor Andrade de Melo (UFRJ). Na defesa do memorial, que congregou uma espécie de celebração de sua carreira, pode homenagear seus mestres, exaltar suas referências espaciais pessoais – o subúrbio, a feira, o futebol “bricolado” (informal, improvisado, livre), a rua, a vida urbana – e apresentar sua descoberta da geografia e do mundo, sem abandonar suas raízes humildes.

Foram dezenas de trabalhos apresentados em eventos nas mais diferentes partes do mundo, 49 capítulos de livros e 59 artigos científicos – certamente, ainda há alguns no prelo junto aos seus parceiros de pesquisa. Os livros publicados revelam um pouco do seu trabalho como pesquisador: de início, a obra *Fundamentos Geográficos do Turismo*, volumes 1, 2 e 3 (o primeiro volume, com Marcello de Barros Tomé Machado, em 2010; o segundo, com Daniella Pereira de Souza Silva e Marcello de Barros Tomé Machado, também em 2010; e o terceiro, com Daniella Pereira de Souza Silva e Luiz Guilherme de Souza Xavier, em 2011), pela Fundação CECIERJ / Consórcio CEDERJ, era sempre destacada pelo autor por ter sido o primeiro livro de sua lavra, o despontar de um trabalho mais abrangente; da mesma maneira, o livro *Geografia Urbana*, em volume único, com Leandro Dias de Oliveira, em 2017, também publicado pela Fundação CECIERJ / Consórcio CEDERJ, revela a clareza explicativa que marca seu trabalho. Na condição de organizador, foram duas importantes coletâneas: *O Jogo continua: Megaeventos esportivos e cidades*, com Glauco Bienenstein e Fernanda Sanchez (Rio de Janeiro: EDUERJ / FAPERJ, 2011), livro definitivo sobre a temática e que celebrou a parceria com pesquisadores muito caros em sua trajetória; *Geografia urbana: ciência e ação política*, junto a Floriano Godinho de Oliveira, Desirée Guichard Freire e Leandro Dias de Oliveira (Rio de Janeiro: Consequência, 2014), fruto da organização do Simpósio Nacional de Geografia Urbana, evento o qual sempre participou e que atuou na coorganização na edição de 2011, na UERJ; por fim, a obra *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol* (Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014), que se revela uma leitura peremptória e obrigatória pois, à luz do esporte bretão, perfaz uma verdadeira exploração geográfica, histórica, social e política das realidades brasileira e mundial.

Este artigo está estruturado da seguinte maneira: em *A Cidade da Feira-Livre: persistência e sociabilidades urbanas*, apresentamos seus primeiros escritos calcados em sua experiência familiar como filho de feirante-migrante e que versaram sobre a sociabilidade da rua permitida por esta modalidade de comércio urbano; a seguir, é destacado o seu investimento conceitual na interpretação do fenômeno turístico em *A Urbanização Turística e a Geografia dos Lazeres*; em *Geografia dos Esportes: megaeventos, territorialidades e resistências*, apontamos alguns caminhos teóricos

desta área que com pioneirismo Gilmar Mascarenhas se notabilizou, nacional e internacionalmente; em *Entradas, Bandeiras e Geografia do Futebol: O desbravamento do Brasil*, por Gilmar Mascarenhas, destacamos a obra máxima de seu espólio, com base em resenha de nossa autoria publicada em 2015 (OLIVEIRA, 2015), onde destacamos que se trata de um livro que merece ser lido e relido não somente por aqueles que se interessem por futebol, mas por todos que estejam em busca de uma genuína e inovadora leitura geográfica do Brasil; por fim, nas *Considerações Finais: Gilmar presente!*, emitimos uma singela e carinhosa homenagem àquele que sempre destacou a importância da cidade em suas pesquisas e luta cotidiana.

A Cidade da Feira-Livre: persistência e sociabilidades urbanas

A feira livre sempre foi para Gilmar uma experiência peculiar de sociabilidade e de uso da rua (MASCARENHAS, DOLZANI, 2008) e de criação de territorialidades populares (MASCARENHAS, 1995), numa constante luta criativa contra as normatizações hegemônicas da cidade. Filho de feirante e conhecedor dos meandros das feiras que existem em várias partes do Brasil e do mundo, em suas interpretações esta forma de comércio urbano se tornou algo pujante de significados e possibilidades, pois propiciava a ocupação colorida da rua, a conversa informal, a negociação aberta, a escolha tátil do alimento, o contato visual, a paisagem lúdica e, por que não, a resistência ao espaço fechado, prisional e até claustrofóbico dos supermercados.

A sua obra não somente apresenta este universo da feira livre, como compõe um verdadeiro histórico das mudanças de perspectivas da mesma. Isto porque a feira livre por ele estudada foi uma iniciativa tomada por Pereira Passos, prefeito do então Distrito Federal do Brasil (atual município do Rio de Janeiro) entre 1902 e 1906, em conjunto com outras ações em relação ao uso e formatação dos espaços públicos da cidade na busca de compor um amplo projeto de pedagogia da civilização. Assim, por sua estética colorida e higiene – segundo leitura da época –, tornou-se um dos muitos espaços públicos festejados como triunfo da burguesia ascendente sobre a barbárie colonial. Afinal, nos parques, avenidas e feiras livres, o cidadão vivenciaria o triunfo da cidade

moderna, reeducando seu comportamento e repensando a própria sociedade em que vive (MASCARENHAS, 2005).

A feira é uma herança de tradição ibérica mesclada com práticas africanas, mas especificamente o que o autor denomina de *feira livre* foi o modelo instituído no início do século XX, mais precisamente em 13 de outubro de 1904, por meio do decreto 997, tratando de um modelo que designava as feiras semanais de bairro, bastante diferentes daquelas tradicionais feiras regionais que reúnem compradores e vendedores oriundos de áreas distantes (MASCARENHAS, 1991). Havia, neste sentido, uma certa democracia na distribuição espacial das feiras livres na cidade do Rio de Janeiro, ocorrendo desde as áreas residenciais mais nobres e abastadas até os bairros mais pobres e afastados do centro da urbe.

Por outro lado, segundo o autor, o declínio da feira livre pode ser pensado a partir da emergência dos supermercados, com suas características irruptivas em relação à feira: homogeneidade, impessoalidade, autosserviço, previsibilidade, precificação inegociável dos produtos e adaptação aos tempos acelerados. O supermercado, rigorosamente, se tornou a antítese da feira livre, com a pressa e os atropelamentos dos carrinhos – talvez se aproxime o tempo em que haverá necessidade de se colocar sinais de trânsito nos cruzamentos dos corredores das grandes redes –, a frieza das relações de compra e venda, o confinamento espacial e, por que não, a rendição ao modelo de cidade automobilizada, com seus amplos estacionamentos. Se a feira traz características do lugar e permite ao visitante conhecer um pouco da cultura local, o supermercado é monótono, padronizado e repetitivo, uma espécie de não-lugar, como tão bem definiu Marc Augé (2012 [1992]).

Um marco simbólico nesta ruptura ocasionada pela emergência das redes de supermercados é o I Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND, 1972 - 1974), aprovado em 1970 pelo governo federal durante a presidência do general Emílio Garrastazu Médici, com o intento da plena expansão das redes de autosserviço nos grandes centros urbanos. Destarte, a feira livre, *“outrora símbolo da modernidade, implantada pelo próprio poder público, é agora seu filho bastardo, restando-lhe as áreas degradadas e miseráveis da ‘cidade maravilhosa’”* (MASCARENHAS, DOLZANI, 2008). Não, não era

somente a feira livre que se buscava descontinuar, mas a própria rua como espaço de vivência.

A derrocada do modelo não extinguiu, evidentemente, as feiras livres das cidades brasileiras e tampouco da capital fluminense. Para Gilmar Mascarenhas, as feiras permaneciam oferecendo uma verdadeira resistência no espaço urbano monopolizado pelo cerceamento governamental e empresarial e marcado pela violência e descrédito da sociabilidade da rua. Cada feira se tornaria, por assim dizer, uma resistência tripartite: *social*, pois geralmente é mantida por grupos mais pobres que insistem em desafiar a cidade com um tipo de comércio mais interativo e intuitivo; *cultural*, desprezando os cânones da velocidade e da previsibilidade em tempos de *shoppinização* do urbano, consumismo em massa e fetichização das mercadorias *in omne tempore*; e *urbana*, pois num modelo cidade, que é segregador, automobilizado e com poucas interações cotidianas com o outro, permanece propiciando o encontro, a conversa, a experimentação e a negociação tão rareadas em tempos de cliques na tela e busca virtual dos melhores preços.

A Urbanização Turística e a Geografia dos Lazer

Revisitando a obra de Gilmar Mascarenhas, emerge a impressão de que um estudioso da cidade à luz da geografia que valorizava profundamente o cotidiano urbano, com seus encontros, informalidades e tempos dissonantes do capital, jamais poderia abdicar de estudar as formas simuladas de lazer, as maquiagens da urbe, o divertimento pausterizado, a roteirização dos caminhos, a *shoppinização* das ruas e avenidas e a própria virtualização do prazer tão comuns no fenômeno turístico. A urbanização turística não significava, neste sentido, apenas o estabelecimento de uma administração empresarial econômico-urbana, mas também a ruptura de algo que ele tanto valorizava: a constante redescoberta da cidade. Tal redescoberta passava a ser trocada pela planejamento passo-a-passo do passeio turístico!

“O turismo, é, primeiramente, uma atividade humana, praticada por milhões de indivíduos em todo o planeta”, alertava Gilmar Mascarenhas (2010, p. 08), pois *“todos*

os dias, e durante o ano inteiro, muitas pessoas estão saindo de suas casas, com malas arrumadas, o local de destino definido e a expectativa de que gozarão momentos de alegria e repouso". Seja por simples prazer voluntário ou por motivos compulsórios, como negócios, para cuidar da saúde, estudos, a atividade turística indicava um movimento espacial que não poderia jamais ser ignorado. Neste sentido, a urbanização turística propugnava a mudança das práticas de "conhecer" e "desbravar" a cidade pelo passeio roteirizado, pela artificialidade urbana e pelo próprio consumo fugidivo e hedonista. A partir desta expressão espacial do fenômeno, tornou-se objeto de suas pesquisas explorar os cenários de urbanização turística (MULLINS, 1991; MASCARENHAS, 2004), além de incorporar debates acerca dos lazeres contemporâneos e da própria transformação da cultura em *commodity*, como tão bem define David Harvey (2005).

Destarte, a referência central para suas investigações é o trabalho seminal intitulado "*Tourism urbanization*", de Patrick Mullins (1991), professor do Departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade de Queensland, na Austrália. É Mullins quem propõe a concepção de "urbanização turística" como o processo de planejamento explícito das cidades para o turista, por meio da adoção de uma estética pós-moderna, busca do prazer consumista e efetivação de uma forma empresarial-empresendedora de gestão pública.

Gilmar Mascarenhas demonstra assim que a "urbanização turística" corresponderia à constatação da existência de formas específicas de produção do espaço urbano a partir da atividade turística, sobretudo quando esta se impõe como dominante na economia local, em uma modalidade peculiar de produzir e estruturar o espaço. As cidades turísticas dedicam-se quase exclusivamente ao consumo, especialmente de artigos e serviços de diversão, prazer, relaxamento e recreação, e subalternizam investimentos vinculados às necessidades básicas como moradia, serviços de saúde, abastecimento alimentar e educação.

O turismo se torna assim um alibi para transformar a cidade em mercadoria e a paisagem em vitrine, além de fazer com se direcionem os investimentos públicos para a criação de corredores, roteiros, *boulevards* e demais estruturas que dialeticamente

significam apreciação estética e segregação urbana. E embora muitas destas cidades possam apresentar maior dinamismo econômico que a média ou atraiam migrantes em busca de oportunidades de renda e trabalho, o subemprego, a precarização dos contratos, o baixo índice de sindicalização e a baixa remuneração consistem na tônica dominante das cidades turísticas.

Um exemplo eloquente de suas investigações na área que revela em sua plenitude os fundamentos da urbanização turística, sempre destacado em suas palestras, era o bairro de Penedo, em Itatiaia, no estado do Rio de Janeiro: na localidade, houve amplificação de uma colonização finlandesa que historicamente teve dimensão e impacto bem mais modestos; se gestou o argumento de que se tratava de um espaço de resquício de Mata Atlântica, à revelia de estar situada em área reflorestada pós-derrocada da cultura do café; e se explorou com alarde as baixas temperaturas de um “friozinho de montanha” – ressalte-se que para a cultura carioca, os índices atendem o apelo, mas seu sítio está localizado antes da subida para Visconde de Mauá (distrito de Resende-RJ) e da cidade de Bocaina de Minas (MG), bem mais frias e que efetivamente correspondem ao clima alardeado. Assim, inventa-se o urbano com objetos de atração turística, amplia-se, aprimora-se, revisa-se, retoca-se ou mesmo forja-se a história e criam-se roteiros, pacotes e atrações diversas para o visitante. Da mesma maneira que a urbanização turística em Penedo (MASCARENHAS, 2005a), o restante do sul (MASCARENHAS, 2004) e o interior fluminense (MASCARENHAS, 2003) e mesmo a cidade de Cabo Frio (MASCARENHAS, OLIVEIRA, RAMÃO, 2019) receberam tratamento analítico semelhante por parte do autor.

Vale destacar: Gilmar Mascarenhas captou perfeitamente o espírito de nosso tempo! Quando fez suas críticas a este modelo de turistificação da forma urbana, ainda não existiam as redes virtuais de compartilhamento hedonista de simulacros de felicidade idealizada: a rede Orkut estava em seu início, sem versão em língua portuguesa; o Facebook ainda era uma aventura de Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes restrita aos estudantes da Universidade de Harvard; e o Instagram, a rede virtual que proporcionou a coroação definitiva da fotografia narcísica e dos simulacros de felicidades, sequer havia sido inventado. A urbanização

turística corresponde senão à cenarização perfeita do espaço geográfico em tempo de *selfies* em profusão e propaganda da felicidade constante em meio à barbárie da cidade contemporânea. É como se o *cyberspace* encontrasse uma materialidade ainda mais virtual que sua própria nuvem de dados, registros e curtidas.

É possível ir além desta forma de lazer que é escapismo, alienação e disciplinarização dos cidadãos-trabalhadores, algo oriundo da sociedade urbano-industrial e que carrega consigo um claro atributo de classe (MASCARENHAS, 2010a). Como lição de geografia, entendemos que o controle do tempo livre está articulado estrategicamente com o controle dos espaços livres. A partir do resgate histórico da temática no campo da geografia, a recolocação de debates sobre “lazer”, “ócio” e “tempo livre” por meio das reflexões de Gilmar Mascarenhas é um contributo imensurável à compreensão do tempo presente. As aventuras da geografia neste campo têm no autor um verdadeiro ponto de inflexão.

Geografia dos Esportes: megaeventos, territorialidades e resistências

Certamente, Gilmar Mascarenhas se tornou referência importante para os pesquisadores e demais interessados em investigações sobre feiras livres e urbanização turística; há, em sua obra, um pioneirismo em tais temáticas por ele desbravadas, seja com suas análises pertinentes sobre o tema, seja com a orientação de inúmeros trabalhos em formas de monografias de graduação e especialização, mestrado e doutorado. Contudo, no que se refere ao que denominava “Geografia dos Esportes”, Gilmar Mascarenhas é mais que pioneiro: tanto em terras brasileiras quanto estrangeiras, ele foi um importante predecessor na análise do tema, no qual constituiu um significativo arcabouço teórico-analítico, uma base metodológica-procedimental e abriu muitas frentes de investigação.

Além deste caráter precursor, Gilmar Mascarenhas foi um verdadeiro militante do rapto ideológico do esporte pelas estruturas dominantes e criou uma verdadeira escola científica de matriz crítica, onde seus orientandos trataram sempre com robustez teórica e empírica de diferentes modalidades esportivas, estádios de futebol, torcidas

organizadas, megaeventos esportivos e muitos outros assuntos. Escreveu para públicos mais abrangentes, em jornais e revistas, além de ter contribuído com a plataforma Ludopédio (<https://www.ludopedio.com.br/>), um portal acadêmico de futebol onde assinava uma série de contribuições que, segundo as suas próprias palavras, eram motivo de grande satisfação pessoal. Desde 2003, o oferecimento da disciplina optativa de graduação intitulada Geografia dos Esportes, na UERJ, foi algo não somente precursor, mas singular em todo o território nacional.

O autor partia do princípio que havia fortes vinculações do esporte com a base territorial; inspirado em Norbert Elias e Eric Dunning (1985), lembrava que as atividades esportivas eram herdeiras das tradições lúdicas que foram ocidentalmente civilizadas, assim como a própria relação da sociedade com a natureza e a forma de trabalho. Alpinismo, natação, regatas, surfe, hipismo, esgrima, arco e flecha, corrida, lutas corporais, enfim, uma miríade de modalidades esportivas estão baseadas no empenho individual em superar desafios da natureza, desde a gravidade e a pressão atmosférica até a dinâmica das águas e o domínio de animais. E neste sentido, a configuração territorial, o enlace com o econômico, os objetos geográficos, como os estádios, ginásios, pistas diversas, as condições climáticas propícias – diferentes, evidentemente, para ‘surf’ e ‘esqui’ –, a questão cultural – membro da rede NEER (Núcleo de Estudos em Espaço e Representações), sua contribuição à Geografia Cultural é marcante e está presente em inúmeros trabalhos do autor (Ver: MASCARENHAS, 2003a, 2005b, 2012, entre outros) – e mesmo a infraestrutura constituída para as diferentes modalidades, desde as vias de transporte aos alojamentos e hotéis, são merecedores da observação cuidadosa dos geógrafos (MASCARENHAS, 1999). O léxico conceitual de Milton Santos (1998 [1991] e 2002 [1996], entre outras obras) fornecia a necessária base para sua compreensão do impacto dos esportes no espaço geográfico.

Havia então uma agenda importante de investigações, apresentada por Gilmar Mascarenhas (1999 e 1999a) ainda no final do século XX, que envolvia desde estudar a dimensão "ecológica" de cada modalidade esportiva, a expansão recente dos chamados "esportes radicais" ou "de aventura" (*rafting*, *vôo livre*, *mergulho*, *automobilismo off-road*, *alpinismo*, *mountain bike*, etc.) em áreas de natureza praticamente intocada

(montanhas, alto curso de rios e mesmo desertos) até estudar estádios de futebol planejados de forma a facilitar o grande fluxo de espectadores em dias de importantes eventos, que, por sua imponência, circularidade física e temporal, funcionamento esporádico e monofuncional e ritualizações periódicas, poderiam ser entendidos como santuários para os mais fanáticos torcedores. Neste mesmo sentido, estudar o impacto dos objetos esportivos para a especulação imobiliária e dinâmica urbana, como o caso dos campos de golfe, que notavelmente valorizam os terrenos vizinhos por consumir extensas áreas que mantêm-se verdes e silenciosas – a referência é John Bale (1994) –, e questões de gênero, onde o rugby, por exemplo, atuou historicamente na construção da imagem de masculinidade na sociedade urbano-industrial, ou a expansão da presença feminina no futebol brasileiro já implicava naquele momento na necessidade de redefinições no uso do espaço cotidiano da rua e no comportamento no interior dos estádios – paulatinamente transformado num verdadeiro espaço disciplinar (MASCARENHAS, GAFFNEY, 2004, 2006 e 2014; MASCARENHAS, OLIVEIRA, 2006) –, no botequim e em outros tradicionais redutos machistas do espaço urbano. Por mais estupefaciente que pareça, Gilmar Mascarenhas publicou tais análises tão atuais e ainda incômodas há exatos 20 anos.

Com esta leitura tão profícua e abordagem de vanguarda da realidade esportiva, torna-se possível imaginar a expressão de Gilmar Mascarenhas quando o Brasil foi escolhido como sede de uma série de eventos esportivos; afinal, conhecedor de inúmeras experiências, como os Jogos Olímpicos de Barcelona (1992), Sidney (2000), Pequim (2008) e muitos outros (Ver, por exemplo, (MASCARENHAS, 2010 e 2013; MASCARENHAS, PONTES, NEVES, BRAZ, SIMEONE, 2008; etc.), ele, antes de todos, vislumbrava os desdobramentos políticos, urbanos, sociais, econômicos e ambientais frutos do ato de sediar jogos desta magnitude. Gilmar Mascarenhas já conhecia todo o *script* de um megaevento esportivo muito antes da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, ser realizada em estádios-arenas de futebol com arquibancadas inspiradas em salas de cinema e se tornar uma típica festa capitalista, em que cada jogo se transformava em *showroom* de jogadores, camisas, chuteiras e outras mercadorias do universo do futebol.

Os megaeventos esportivos confirmaram que os esportes se tornaram um negócio lucrativo e excludente, transformando o torcedor em consumidor e visando muito mais suas economias do que sua capacidade de tremular bandeiras ou ecoar gritos de incentivo e cânticos de exaltação. Tais eventos descortinaram algumas negociatas obscuras presentes no mundo esportivo, publicizaram a força do empresariamento urbano que reestruturou as cidades-sede (re)feticizando-as de acordo com os ditames do mercado global, e demonstrou as falácias contidas no amor ao esporte, à torcida e à nação por parte dos envolvidos. Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística (MASCARENHAS, 2014a); empreendedorismo urbano e constituição da cidade esportiva sob hostes dominantes (MASCARENHAS, 2012a; MASCARENHAS; BORGES, 2008; MASCARENHAS, BIENENSTEIN, SANCHEZ, 2011); o horizonte turvo, os ideários e os limites do desenvolvimento sustentável nos megaeventos esportivos (BOYKOFF, MASCARENHAS, 2016 e 2016a; MASCARENHAS, 2018; MASCARENHAS, OLIVEIRA, PONTES, 2017; MASCARENHAS, OLIVEIRA, 2018), nada escapou à análise de Gilmar Mascarenhas, que esquadrinhou, para muito além da geografia, o quanto um megaevento esportivo tratava de tudo, inclusive de disputas esportivas.

Assim como outras percepções possíveis apenas para aqueles que vivem verdadeiramente a *cidade*, Gilmar Mascarenhas captou muito tempo antes das manifestações que tomaram as ruas do Brasil contra os gigantescos gastos dos megaeventos as mudanças que acometiam o mundo do esporte – em particular, do futebol – e suas implicações sobre a cidade, e por que não, sobre o mundo moderno. Pode contribuir em inúmeras frentes de resistência, com palestras, textos (Ver: MASCARENHAS, 2014b, por exemplo) manifestações e passeatas. O próprio grito “Não Vai Ter Copa”, um verdadeiro conjunto de manifestações ocorridas nas cidades-sede em que se clamavam por hospitais, escolas e transportes no lugar dos vultuosos investimentos em estádios “padrão-Fifa”, só revelava o quão Gilmar Mascarenhas tinha razão.

Com as denúncias de superfaturamento e a expectativa [posteriormente confirmadas] de que algumas das praças erguidas ou reconstruídas se tornarem praças

esportivas de pouca serventia – portanto, investimento de pouco retorno –, o “Não Vai Ter Copa” se tornou um grito pela gestão compartilhada da cidade, pela democratização de seus espaços e serviços e pela simples capacidade de se fazer ouvir dos grupos sociais urbanos. É possível apontar que estes megaeventos brasileiros tenham significado uma fratura no formato dispendioso, segregador, fraudulento e antiecológico do modelo. A copa e também a Olimpíadas aconteceram, mas Gilmar Mascarenhas pode observar que o legado destes megaeventos foi uma abrangente conscientização política.

Entradas, Bandeiras e a Geografia do Futebol: O desbravamento do Brasil, por Gilmar Mascarenhas

Entradas e Bandeiras: A conquista do Brasil pelo futebol (Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014) é, em nossa opinião, é uma obra que deve ser lida e relida: trata-se do escrito definitivo de um pesquisador maduro intelectualmente, mas que jamais abdicou de conciliar razão e emoção. Além disso, *Entradas e Bandeiras* é uma aula erudita dos desdobramentos históricos do mundo a partir dos últimos cento e cinquenta anos de existência oficial deste esporte, e, por este motivo, interessa a todo aquele que aprecie avaliar as pequenas conexões explicativas acerca da realidade que vivemos. Da mesma maneira, com a publicação deste livro estava liquidada uma antiga dívida: a escrita de uma obra que recuperasse as suas diversas análises teórico-metodológicas da “geografia do futebol”, subcampo no qual o autor é um dos nomes fundantes no cenário global (OLIVEIRA, 2015).

É interessante percorrer as páginas do livro e perceber que o léxico conceitual da geografia não foi utilizado apenas como um conjunto de palavras encaixadas para dar sentido às reflexões do autor, mas funcionou como uma lente espacial a serviço de sua análise em relação ao seu objeto de investigação. Gilmar Mascarenhas alicerça seu trabalho particularmente nas obras de Milton Santos, que oferece desde o cabedal a respeito da consolidação da rede urbana outrora fragmentária no Brasil até a complexidade contida no processo de metropolização, um movimento que é político, econômico, ideológico e cultural.

Com base na geografia, é possível apontar alguns tensionamentos teóricos importantes contidos em “Entradas e Bandeiras” : [1] a conexão entre a expansão do futebol e o imperialismo inglês do início do século XX, e sua entrada pelos portos marítimos, como na Bacia do Prata ou na cidade do Rio de Janeiro; [2] a relação entre o operariado urbano e a prática esportiva, que disciplinava as mentes e os corpos para além do chão-de-fábrica; [3] o estádio de futebol como objeto geográfico de fundamental importância na constituição do urbano, uma referência higienista, moderna ou neoliberal e que permite discussões sobre especulação e valorização imobiliária; [4] a manifestação de diferentes territorialidades, dentro dos estádios e nas torcidas e também na constituição dos próprios times de bairro; por fim, [5] a “metropolização do futebol”, responsável pelo gigantismo dos times das cidades economicamente mais importantes que monopolizam notícias e torcedores e conquistam os principais títulos nacionais e internacionais. As grandes metrópoles são as sedes dos grandes times do mundo, trazendo para a hierarquia urbana um vetor explicativo do atual sistema de castas existentes no mundo do futebol (OLIVEIRA, 2015).

“Entradas e Bandeiras” não é um livro acadêmico daqueles que o autor espanta os possíveis leitores, complicando a escrita e turvando as análises para parecer difícil. Ao contrário, desde o início, Gilmar Mascarenhas mantém uma narrativa emocional: ele vincula as origens de suas inquietações (ou paixões) à vivência com seu pai, tanto nos jogos do grande time do Botafogo como nas partidas do subúrbio carioca. Parte importante que confirma o argumento é o comovente o relato do autor ao andar pelas ruínas de um pequeno estádio em Itaperuna, no Noroeste Fluminense, e lembrar as partidas entre os times locais e lamentar o fim de uma era de futebol próximo, de talento genuíno não-robótico do “jogador tático”, de técnicos menos professorais e viciados na arte da defesa, de busca pelo gol com entusiasmo e não como um acordo protocolar, que agora ainda precisa ser validado após demorada e constrangedora consulta ao árbitro assistente de vídeo [VAR]. A saudade sentida é de um futebol praticado sem precisar dedilhar “tablets” ou o “i-smart-phones” para saberem das novidades, ou ter igual entusiasmo em relação ao certame em si e às contratações da próxima temporada. As ruínas do estádio Monte Líbano, do Unidos Futebol Clube da

cidade de Itaperuna, simbolizavam em sua visita o fim de uma era urbana, de uma cidade do encontro, das festividades, da sociabilidade, da vizinhança, das paixões não-virtuais (OLIVEIRA, 2015).

“Entradas e bandeiras” permanece como um apelo à sociabilidade urbana de um passado não muito remoto, onde cada partida de futebol se tornava um rico e prazeroso exercício coletivo. Entre o informal futebol de “matriz bricolada” e o de “matriz espetacularizada”, não há dúvidas: Gilmar Mascarenhas sempre optou pelo primeiro, que a despeito da origem aristocrática do próprio futebol traz consigo o signo do divertimento sincero dos praticantes.

Considerações Finais: Gilmar presente!

Gilmar Mascarenhas dedicou toda sua carreira acadêmica à geografia. Em sua trajetória, seus esforços sempre foram voltados especialmente à geografia urbana, com atenção especial aos processos de metropolização e constituição de redes de cidades e aos circuitos terciários da economia, nas esferas do esporte, lazer, comércio, turismo e serviços.

Mas é importante reforçar um alerta que fizemos anteriormente (Ver: OLIVEIRA, 2015): não é possível “purificar” cientificamente sua pesquisa, pois ela é feita, desde a gênese, de afetos diversos, de paixão eloquente, de luta familiar, de laços de amizade. As referências à feira livre, os jogos presenciados em diferentes partes do mundo, as amarrações intelectuais das formas urbanas e do próprio futebol com o imperialismo, com a cultura ocidental, com a migração para a cidade-grande, as visitas a estádios pelos mais diversos continentes, tudo isto foi investigado, estudado, relatado por meio de uma escrita fluída, convidativa e erudita e realizado como atividade que sempre envolveu sentimentos, cultura e saber. As suas aulas, seus escritos, suas palestras e demais atividades de trabalho sempre tinham como marca o convite à reflexão aberta e acessível, como numa feira livre despreziosa ou numa partida de futebol muito bem jogado.

Gilmar Mascarenhas teve sua vida interrompida bruscamente pela brutalidade da supremacia de carros e ônibus junto ao desrespeito ao ciclista urbano e ao simples caminhante. Para alguém como ele, que viveu a feira livre e o constante contato entre as pessoas, e não se furtava a assistir um futebol descompromissado em campinhos pelo mundo, deveria ser doloroso assistir o crepúsculo da cidade enquanto construção social e resultado de relações múltiplas de sentimentos, histórias e lutas. Afinal, como ele alertou,

nenhuma lei afirma que o automóvel é proprietário da rua, ou que seu uso deve ser exclusivo para veículos motorizados, mas o pensamento hegemônico nos impôs esse modelo, de forma que o ciclista é sempre desrespeitado quando trafega em via pública. O automóvel no Brasil, de forma distinta do que ocorre nos países de economia desenvolvida e com avanços civilizatórios, é tratado como o rei da rua. Certamente, desde 1998 houve avanços na legislação, com a ampliação de penalidades e restrição de abusos, mas o automóvel ainda prevalece na disputa pelo sentido da rua. O ciclista busca se apropriar deste espaço, a via pública, mas encontra poucas ciclovias. Esse embate está se acentuando progressivamente, pois a quantidade de ciclistas aumenta sem parar, desafiando a propriedade e o modelo hegemônico, lamentavelmente, ao custo de vidas humanas. (MASCARENHAS, 2018, p. 34)

Há que se recuperar a cidade como algo genuinamente humano, para além desta ordem estigmatizada pelo medo da violência, pelo asco ao trânsito interminável e pela velocidade dos cumprimentos de seus habitantes desinteressados pelo mundo próximo que o cerca. Sigamos todos, em sua memória, militando por uma cidade mais justa, democrática e humana!

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares** – introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Editora Letra Livre, 2012 (1992).
- BALE, John. **Landscapes of Modern Sports**. Leicester: Leicester University Press (UK), 1994.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Quest of Excitment: Sport and Leisure in Civiling Process**. Oxford: Blackwell, 1985.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

MASCARENHAS, Gilmar. **O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência** (Rio de Janeiro: 1964-1989). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ, 1991.

_____. The Territoriality of the Street Markets in Rio de Janeiro. **The European Geographer**, Lisboa: Associação de Jovens Geógrafos, volume 9 / 1995, pp. 112-118.

_____. A Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 3, Nº 35, 1 de marzo de 1999. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-35.htm>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.

_____. A Geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões: Revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 1, n. 2, p. 47-61, Campinas, dez. 1999a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638029/5716>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.

_____. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. 2001. 268 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Redefinindo o urbano, produzindo lugares: a urbanização turística no interior fluminense. In: **VIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, Recife (PE), 2003.

_____. A cidade moderna e suas técnicas: uma nova espacialidade do tempo livre. **Anais do Encontro da Comissão de Geografia Cultural da União Geográfica Internacional (UGI)** (meio digital DC-ROM), Rio de Janeiro, 2003a.

_____. Cenários contemporâneos da urbanização turística. **Caderno Virtual de Turismo**, Vol. 4, Nº 4, 2004. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/65>. Acesso em: 08 de agosto de 2019.

_____. Feiras Livres: Informalidade e espaços de sociabilidade. In: **Anais do Colóquio Internacional Comércio, cultura e políticas públicas em tempos de globalização**, Rio de Janeiro, 2005.

_____. Urbanização turística e a produção do lugar em Penedo. In: BARTHOLO, R., DELAMARO, M., BADIN, L. (Org.). **Turismo e Sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Garamond, 2005a.

_____. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e cultura**, n. 19-20, p. 61-70, 2005b.

_____. Barcelona y Río de Janeiro: diálogo entre modelos y realidades del llamado Urbanismo Olímpico. **Biblio 3w (Barcelona)**, v. XV, 2010. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-895/b3w-895-12.htm>. Acesso em: 08 de agosto de 2019.

_____. Contribuições da Geografia para o estudo do lazer. In MELO, Victor Andrade de. (Org.). **Lazer: olhares multidisciplinares**. Campinas-SP: Alínea, 2010a.

_____. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (orgs.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA, p. 67-85, 2012.

_____. Globalização e políticas territoriais: os megaeventos esportivos na cidade do Rio de Janeiro. In: PACHECO, Susana Mara Miranda; MACHADO, Mônica Sampaio (Orgs.). **Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012a.

_____. Londres 2012 e Rio de Janeiro 2016. **Continentes: Revista do Departamento de Geografia [DGG] e do Programa de Pós-Graduação em Geografia [PPGGEO] da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**, n. 3, p. 52-72, jul. 2013. ISSN 2317-8825. Disponível em: <http://www.revistacontinentes.com.br/continentes/index.php/continentes/article/view/29>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.

_____. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

_____. Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. **Caderno Virtual de Turismo (UFRJ)**, v. 14, p. 52-65, 2014a. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1021>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.

_____. Não vai ter arena?: Futebol e Direito à Cidade. **Advir (ASDUERJ)**, v. 32, p. 24-38, 2014.

_____. Justiça ambiental e produção do espaço nos Jogos Rio 2016: O paradoxo do golfe olímpico. **GEO UERJ (2007)**, n. 32, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/32541>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.

_____; BIENENSTEIN, Glauco; SANCHEZ, Fernanda (Orgs.). **O Jogo continua: Megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ / FAPERJ, 2011.

_____; BORGES, F. C. Entre o empreendedorismo urbano e a gestão democrática da cidade: dilemas e impactos do Pan-2007 na Marina da Glória. **Esporte e Sociedade**, v. 4, p. 1-26, 2008.

_____; BOYKOFF, Jules. The Olympics, Sustainability, and Greenwashing: The Rio 2016 Summer Games. **Capitalism, Nature, Socialism: a journal of socialist ecology**, v. 1, p. 1-11, 2016.

_____; BOYKOFF, Jules. Rio 2016: Urban policies and environmental impacts. **IdeAs**, v. 1, p. 1-6, 2016a.

_____; DOLZANI, Miriam Cristina da Silva. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, v.2, n. 2 agosto / 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/4710/3971>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.

_____; GAFFNEY, Christopher. O estádio de futebol como espaço disciplinar. In: **Seminário Internacional Foucault Perspectivas**, Florianópolis, 2004.

_____; GAFFNEY, Christopher. The soccer stadium as a disciplinary space. In: **Esporte e Sociedade**, v. 1, p. 1, 2006.

_____ ; GAFFNEY, Christopher. O estádio de futebol como espaço disciplinar. In: HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; BURLAMAQUI, Luiz Guilherme; SOUZA, Marcos A. Pereira de (Orgs.). **Desvendando o jogo: nova luz sobre o futebol**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

_____ ; MACHADO, Marcello de Barros Tomé. **Fundamentos Geográficos do Turismo**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

_____ ; OLIVEIRA, Floriano Godinho de; FREIRE, Desirée Guichard; OLIVEIRA, Leandro Dias de (Orgs.). **Geografia urbana: ciência e ação política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

_____ ; OLIVEIRA, Leandro Dias de. “Adeus ao proletariado”: A dimensão simbólica do estádio da cidadania (Volta Redonda – RJ / Brasil). **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 101, p. 1, Buenos Aires, Argentina, 2006. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd101/estadio.htm>. Acesso em 20 de agosto de 2019.

_____ ; OLIVEIRA, Leandro Dias de. **Geografia Urbana** – Volume Único. Rio de Janeiro: CEDERJ, 2017.

_____ ; OLIVEIRA, Leandro Dias de. Olympic crisis, environmental crisis: the construction of sustainability in the contemporary olympic games. **Mercator** (FORTALEZA. ONLINE), v. 17, p. 1-15, 2018. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e17018>. Acesso em: 08 de agosto de 2019.

_____ ; OLIVEIRA, Leandro de Dias; PONTES, Jeferson Alexandre Pereira. “A Baía de Guanabara não é um Tema Olímpico”. **Continentes**: Revista do Departamento de Geografia [DGG] e do Programa de Pós-Graduação em Geografia [PPGGEO] da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, n. 10, p. 69-86, jul. 2017. ISSN 2317-8825. Disponível em: <http://www.revistacontinentes.com.br/continentes/index.php/continentes/article/view/122>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.

_____ ; OLIVEIRA, Leandro Dias de; RAMÃO, Felipe de Souza. **Urbanização turística e produção do espaço na cidade de Cabo Frio – RJ**, 2019 [mimeo].

_____ ; PONTES, J. ; NEVES, J. C. Q. ; BRAZ, L. S. ; SIMEONE, L. M. . Pequim 2008: Uma primeira avaliação sobre o território, cidadania e legados. **Lecturas Educación Física y Deportes** (Buenos Aires), v. 124, p. 1, 2008.

_____ ; SILVA, Daniella Pereira de Souza; MACHADO, Marcello de Barros Tomé. **Fundamentos Geográficos do Turismo**. v. 2. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

_____ ; SILVA, Daniella Pereira de Souza; MACHADO, Marcello de Barros Tomé; XAVIER, Luiz Guilherme de Souza. **Fundamentos Geográficos do Turismo**. v. 3. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011.

_____ ; SILVA, Gustavo Junger da; Bruno, HENNING. Aspectos da urbanização turística no Sul Fluminense. In: *IX SOLAR (Sociedade Latino- Americana Sobre América Latina e Caribe)*, 2004, Rio de Janeiro. **Anais (CD-ROM) do Simpósio Fragmentação e integração no espaço urbano**, 2004.

MULLINS, Patrick. Tourism urbanization. **International Journal of Urban Regional Research**, 15 (3): 326-342, 1991.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. Por uma Geografia Social do Futebol: Lições de Política, Economia, Cidade e Cultura. **Biblio 3w**: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales (Barcelona), vol. XX, núm. 1118, 2015. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1118.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2019.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998 [1991].

_____. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2002 [1996].